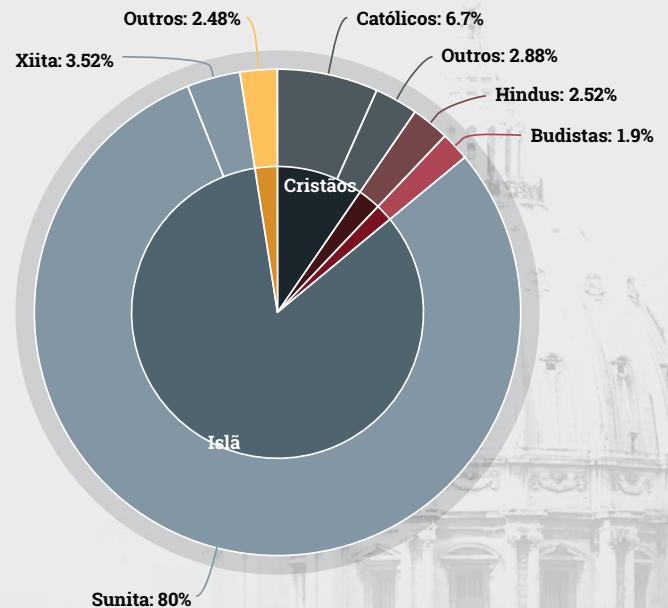
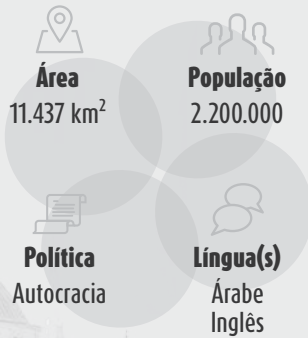


Catar



O Catar é uma monarquia hereditária governada pelos Emires da dinastia Al Thani. O país é muito rico em gás natural e petróleo e é, por isso, em termos de rendimento per capita, um dos países mais ricos do mundo. Todos os cidadãos são muçulmanos, incluindo a família no poder. A forma de Islamismo sunita wahabita predomina e os xiitas são a minoria. De toda a população, os catarianos com cidadania total correspondem apenas a cerca de 10%. Os restantes são residentes que são maioritariamente trabalhadores convidados. A maior parte dos não catarianos são muçulmanos sunitas ou xiitas, mas há também hindus, cristãos e budistas.

A Igreja Católica local calcula que o número de católicos chegue aos 300 mil. Outros grupos cristãos, como por exemplo anglicanos e ortodoxos, são menos de 5% dos não cidadãos.

As oito denominações cristãs registradas estão autorizadas a prestar culto em grupos numa área disponibilizada pelo Governo nos arredores de Doha, num terreno doado pelo Emir. Antes desta área ter sido estabelecida, os católicos costumavam rezar e prestar culto em “capelas” improvisadas: casas e, num caso, uma escola. Após a Revolução Iraniana, a prática das religiões não islâmicas foi proibida no Catar. Finalmente, em 1995, foi concedida liberdade de culto. Essa liberdade está limitada às religiões abraâmicas apenas, ou seja, o Judaísmo, o Cristianismo e o Islamismo. As religiões não abraâmicas não se podem registrar para estabelecerem locais de culto. O Estado tolera que pratiquem oração em casas privadas.

Os apóstatas do Islamismo fazem-no com grande risco e têm de esconder as suas novas crenças religiosas. A organização cristã de direitos humanos Open Doors afirma: “[Os apóstatas]

arriscam ser excluídos pelas suas famílias ou comunidades, arriscam a violência física ou até mesmo as mortes por honra, caso a sua fé seja descoberta.”^[1] A maior parte dos muçulmanos do Catar convertem-se ao cristianismo no estrangeiro e nunca mais voltam, por temer por sua segurança.

DISPOSIÇÕES LEGAIS EM RELAÇÃO À LIBERDADE RELIGIOSA E APLICAÇÃO EFETIVA

De acordo com o artigo 1º da Constituição: “O Islamismo é a sua religião e a lei islâmica é a principal fonte de toda a legislação.” O artigo 35º afirma que “as pessoas são iguais perante a lei. Não haverá discriminação de pessoas por causa do sexo, raça, língua ou religião.” O artigo 50º afirma o seguinte: “A liberdade de culto é garantida para todos, de acordo com a lei e os requisitos para proteger a ordem pública e a moral pública.”

Além disso, “a Lei 11 do Catar, de 2004, incorporou as punições tradicionais da lei islâmica por diversos crimes, incluindo apostasia. O artigo 1º da lei afirma que: ‘as disposições da lei islâmica para os seguintes crimes aplicam-se caso o réu ou a vítima sejam muçulmanos: a) Os crimes hudud relacionados com roubo, banditismo, adultério, difamação, consumo

[1] Open Doors <http://www.opendoorsuk.org/persecution/worldwatch/qatar.php>

de álcool e apostasia. b) Os crimes de retaliação (qisas) e di-nheiro de sangue (diyah).’ Embora a apostasia seja um dos crimes sujeitos à pena de morte, o Catar não executou nin-guém por este crime desde a sua independência em 1971. O Catar também criminaliza o proselitismo. Segundo o arti-go 257º, qualquer pessoa que estabeleça uma ordem para praticar proselitismo pode ser punida com pena de prisão até sete anos. O Governo habitualmente deporta os suspei-tos de proselitismo em vez de iniciar procedimentos legais. A lei também estipula dois anos de prisão e uma multa até QR10.000 (2.440 €) para quem quer que possua materiais escritos e gravados ou artigos que apoiem ou promovam a atividade missionária.”^[2]

A blasfêmia contra o Islamismo, o Cristianismo ou o Judaísmo é punível até sete anos de prisão.^[3]

INCIDENTES

De acordo com o Vicariato Apostólico da Arábia Setentrional da Igreja Católica, “o atual Emir tem elogiado a sua tolerância religiosa e apoio ao diálogo inter-religioso, apesar de man-ter um acompanhamento firme à lei islâmica.”^[4] Isto coincide com a descrição feita pelos responsáveis estatais. Num discurs-o em março de 2015, em Genebra, na 28ª sessão do diálogo do Conselho de Direitos Humanos com o Relator Especial so-bre Religião ou Crença, xeque Khalid bin Jassim Al-Thani, o Diretor do Departamento de Direitos Humanos do Ministério dos Negócios Estrangeiros do Catar disse: “O Estado do Catar confirmou a sua garantia de liberdade religiosa ou de cren-ça para os não muçulmanos que estabelecem edifícios de culto, como o Complexo Religioso, amplamente conhecido como ‘Cidade da Igreja’. Além disso, o Estado confirmou que fortaleceu a proteção constitucional da liberdade religiosa ou de culto através da adoção de várias legislações relacio-nadas e do estabelecimento de muitas instituições a nível governamental e não governamental, incluindo o Centro Internacional de Doha para o diálogo inter-religioso, que foi criado em 2008, com o objetivo de promover e propagar uma cultura do diálogo, da aceitação dos outros e da coexistência pacífica entre diferentes religiões.” Acrescentou que o Estado do Catar continuou acolhendo conferências internacionais e fóruns sobre questões de direitos humanos e promoção de uma cultura da paz. Neste âmbito, o Catar acolheu uma con-ferência anual sobre diálogo interreligioso.^[5]

Antes disso, em agosto de 2014, o ministro dos Negócios Estrangeiros Khaled al-Attiah tinha condenado o chamado “assassinato bárbaro” do jornalista norte-americano James Foley pelo grupo autodenominado Estado Islâmico (EI) e

rejeitado liminarmente as acusações de que o Catar tinha dado apoio financeiro ao grupo militante. Os comentários de al-Attiah surgiram pouco depois do Governo alemão ter pedido desculpas por comentários de um ministro que acusou o Catar de financiar militantes do EI. Num relato que descrevia esses comentários como mal informados, o minis-tro al-Attiah divulgou uma declaração em que dizia: “O Catar não apoia grupos extremistas, incluindo o EI, seja de que for-ma for... Estamos perplexos com os seus métodos violentos e as suas ambições.”^[6]

Em dezembro de 2014, um casal cristão foi absolvido do assassinato de uma criança. Matt e Grace Huang, “um casal americano-asiático, foram detidos numa prisão do Catar após a morte da sua filha adotiva do Gana”. Huang, que tinha sido acusado de matar de fome a sua filha com deficiência para retirar seus órgãos, afirmou que o caso foi “um mal entendido étnico e religioso.”^[7]

Em junho de 2015, o Catar aprovou a construção da sua primeira igreja evangélica. Após sete anos de petições, as au-toridades aprovaram o projeto, que foi mobilizado por Beda Robles, um expatriado filipino que vive no país e é apoiado pela Aliança de Igrejas Evangélicas do Catar. Há cerca de 1.200 evangélicos no Catar.^[8] O novo edifício vai localizar-se no complexo religioso de Mesaimeer, perto da Igreja católica de Nossa Senhora do Rosário.

Na sequência de diretivas do Governo, as igrejas do com-plexo religioso de Mesaimeer aumentaram as medidas de segurança desde julho de 2015, através do encerramento do estacionamento fechado, da introdução de detectores de metais e do aumento do número de seguranças.^[9] Houve milhares de pessoas frequentando os serviços religiosos de Natal no complexo de Mesaimeer em dezembro de 2015.^[10]

Em maio de 2015, um homem indiano foi cercado e atacado por centenas de homens num centro comercial no Catar de-pois de um rumor espalhado de que ele tinha colocado um post “anti-islâmico” no Facebook.^[11]

As mesquitas do Catar foram usadas como plataformas por clérigos da linha dura. Em março de 2015, o clérigo saudita Sa’ad Ateeq al Ateeq pregou na Grande Mesquita em Doha e rezou pela destruição de vários grupos não muçulmanos: “Alá, fortalece o Islã e os muçulmanos, e destrói os teus inimigos, os

[2] <http://www.loc.gov/law/help/apostasy/#qatar>

[3] [religious-law-prison-for-blasphemy-severe-sexual-inequality-qatars-human-rights-review](http://www.reuters.com/article/us-iraq-security-qatar-idUSKBN0G0JK20140823)

[4] http://www.avona.org/qatar/qatar_about.htm#.Vs9P6p0weM9

[5] <http://www.mofa.gov.qa/en/SiteServices/MediaCenter/News/Pages/News20150310230952.aspx>

[6] <http://www.reuters.com/article/us-iraq-security-qatar-idUSKBN0G0JK20140823>

[7] <http://national.deseretnews.com/article/2921/christian-couple-acquitted-of-child-murder-in-qatar-head-home-to-us.html>

[8] http://evangelicalfocus.com/world/769/Qatar_approves_construction_of_its_first_evangelical_church; veja_tambem: http://dohanews.co/evangelical-alliance-churches-qatar-breaks-ground-on-new-building/

[9] <http://dohanews.co/qatar-churches-close-car-parks-to-congregants-over-security-concerns>

[10] <http://dohanews.co/thousands-qatars-christians-flock-church-christmas-photos>

[11] <http://www.dailymail.co.uk/news/article-3081210/Terrifying-moment-man-surrounded-attacked-HUNDREDS-men-shopping-mall-Qatar-rumour-spread-written-anti-Islamic-post-Facebook.html>

inimigos da religião. Alá, destrói os judeus e quem quer que os tornou judeus, e destrói os cristãos e os alauítas e os xiitas.”^[12]

Cerca de 615 expatriados no Catar tornaram-se muçulmanos durante o mês do Ramadã, de acordo com Agência Noticiosa do Catar, que citou números publicados pelo Catar Guest Center e pela Associação Caritativa Xequê Eid. “O Catar anuncia regularmente as conversões ao Islamismo, que podem chegar aos milhares” em cada ano. As conversões podem estar relacionadas com o acesso fácil a informação sobre a religião estatal, mas alguns grupos sugerem que elas podem também ser motivadas por benefícios sociais e econômicos.^[13]

Em fevereiro de 2016, a 12ª Conferência Inter-religiosa de Doha sobre “Segurança espiritual e intelectual à luz das doutrinas religiosas” teve a participação de “líderes muçulmanos, cristãos e judeus, juntamente com acadêmicos” e outros especialistas em relações inter-religiosas. O discurso de abertura de Hassan Bin Lahdan, Al Hassan Al Muhannadi, ministro da Justiça do Catar, “destacou um compromisso da irmandade das religiões divinas” e incentivou a “cooperação entre os seguidores destas religiões [monoteístas] na procura da paz, do amor e da estabilidade”. Fez igualmente avisos contra o discurso radical e terrorista “que promove o ódio e a intolerância”.^[14]

Em junho de 2016, o ministro dos Negócios Estrangeiros do Catar, xequê Mohamed bin Abdulrahman al-Thani, reiterou a rejeição por parte do Governo do Catar de todas as formas de extremismo violento e o seu apoio a que a comunidade internacional lute contra este extremismo. Ao falar numa conferência sobre crianças afetadas pelo extremismo, realizada na sede da ONU em Nova Iorque, disse que o extremismo não estava enraizado na religião, mas sim em fatores sociais, econômicos e políticos. De acordo com o Gulf Times, o xequê Mohamed “sublinhou o papel das figuras religiosas que pregavam a tolerância e os valores humanitários, além do papel das organizações da sociedade civil e dos intelectuais na propagação de um espírito de perdão e tolerância, e de procura de compromissos, em vez da imposição de opiniões aos outros.”^[15]

PERSPECTIVAS PARA A LIBERDADE RELIGIOSA

O Catar continua sendo um país muçulmano extremamente conservador, com restrições à liberdade religiosa tanto

ao nível do Estado como da sociedade. Existem igualmente muitos radicais muçulmanos. Apesar disso, os membros dos grupos religiosos registrados conseguem prestar culto sem interferências. A aprovação da construção de uma igreja evangélica é um sinal muito positivo. É tolerado o culto por parte de membros de grupos não registrados.

[12] <http://www.thedailybeast.com/articles/2015/02/19/qatar-s-a-us-ally-against-isis-so-why-s-it-cheerleading-the-bad-guys.html>

[13] <http://dohanews.co/more-than-600-people-convert-to-islam-in-qatar-during-ramadan>

[14] http://www.dicid.org/english/news_website_details.php?id=169

[15] Gulf Times, 5 de Junho de 2016 ‘Qatar reiterates rejection of violent extremism’ <http://www.gulf-times.com/story/496907/Qatar-reiterates-rejection-of-violent-extremism>